

18/09/2011 17h50 - Atualizado em 18/09/2011 17h50

Ultramaratona: 24 horas divididas entre sol forte e frio na madrugada

Corredores superam bolhas, cansaço, frio, calor e completam a Ultramaratona Rio 24 horas, pela primeira vez realizada no Cefan, no Rio de Janeiro

Por **Luisa Prochnik** Rio de Janeiro

O tiro do canhão anuncia o término da prova. Vinte quatro horas de competição. Agora, cada corredor deve deixar um cubo no chão com seu número - forma de a organização controlar a metragem individual - e completar a última volta para, assim, ganhar sua medalha. Na Ultramaratona Rio 24hs todos são vencedores. Na chegada, emoção, choro, muitos abraços e bandeiras de vários lugares do Brasil enroladas ao corpo. O momento é de comemoração.



Atleta comemora com bandeira dupla: Brasil e Pernambuco (Foto: Luisa Prochnik / Globoesporte.com)

A prova começou sábado, 17/09, às 09hs, e terminou domingo, vinte e quatro horas depois. Os 250 competidores inscritos tinham pela frente o desafio de dar voltas em um percurso de 1500 metros que pegava a pista de atletismo e mais um trecho fora dela. A competição foi realizada no Centro de Educação Física da Marinha (Cefan), na cidade do Rio de Janeiro.

Eles atravessaram várias etapas, desde o dia ensolarado e quente, passando pela madrugada fria e com muito vento até, novamente, mais uma manhã com sol e muito calor. Dá para negar o título de vencedor a todos?

- Teve uma alteração brusca de temperatura durante o dia. A temperatura ontem (sábado 17/09) era de 32 graus às 16hs e, às 03h30, fazia 14 graus. Então, caiu mais da metade da temperatura, mas os competidores estavam bem motivados, agasalhados – diz o Tenente

Leonardo Mataruna, assessor de imprensa da prova e, segundo ele, torcedor que motiva os atletas sempre que necessário.

Tenente Leonardo conta que, durante a madrugada, os atletas aproveitam para acelerar:

- Os corredores mais experientes reduzem o gasto energético na parte da manhã, que o sol é intenso, e acabam rodando em baixa velocidade. Mas, de madrugada, eles recuperam, ultrapassam todos aqueles que estavam na frente na parte da manhã.



Rodrigo e outros corredores tomam café da manhã
(Foto: Luisa Prochnik / Globoesporte.com)

Rodrigo Damasceno participou de todas as quatro edições da prova. Experiente e ciente da sua meta, completar 70 quilômetros no total, ele aproveitou para dar uma parada e tomar seu café da manhã com outros atletas. Ele conta que, normalmente, o sol do meio-dia é o maior desafio da prova, mas, não desta vez:

- Este ano teve em especial a madrugada, que foi muito fria e ventou muito. A gente passava por uma orla a beira-mar que é terrível, vento contra o tempo todo. Quem passou por essa madrugada já pode se considerar vitorioso.



Reta próxima ao mar: madrugada, vento e frio, e, de dia, forte calor (Foto: Luisa Prochnik / Globoesporte.com)



Vanderson, vencedor da prova, batendo recorde pessoal (Foto: Luisa Prochnik / Globoesporte.com)

Todos podem comemorar, mas dois, em especial, são os grandes nomes da prova. Vanderson de Souza foi o vencedor no masculino e na geral. Para ele, pior que o frio da madrugada, foram o sono e o cansaço que vieram junto:

- O pior momento da prova foi de uma às cinco da manhã. Senti sono e cansaço depois de 15 horas de prova. Foi muito difícil.

Auxiliado pela equipe e pelo fisioterapeuta Reinaldo Musialowski, que trabalha com seu amigo, o também corredor Marco Aurelio Farinazzo, Vanderson superou essa barreira e venceu para a felicidade da família torcedora e orgulhosa do atleta.

Denise Campos, vitoriosa no feminino e segunda na categoria geral, também teve grande o apoio de todos que estavam por lá.



**Denise, vitoriosa, e seu amigo, Ivan
(Foto: Luisa Prochnik / Globoesporte.com)**

Durante a prova, ouvia gritos da equipe e dos amigos no local.

- Se fosse pela quantidade de incentivo que eu recebi daria para correr cinco mil quilômetros – diverte-se ela.

Bem humorada mesmo após completar mais de 218 quilômetros, ela responde que corre desde que "se lembra por gente".



**Os pés de Denise: piores adversários durante a
prova (Foto: Luisa Prochnik / Globoesporte.com)**

E a corredora das Forças Armadas brinca:

- Pessoa que corre essa prova não regula muito bem.

A felicidade só não foi maior por que seus pés impediram que ela ultrapassasse sua marca anterior, de 224 quilômetros.

Pés machucados também foram o problema de Djacir Braga, de Fortaleza.

Já com cem quilômetros nas costas, ele queria mais:



**Djacir: bolhas nos pés, mas sorriso no rosto
(Foto: Luisa Prochnik / Globoesporte.com)**

- Agora vou só completar por que estou cheio de bolhas no pé. Se desse para fazer mais ainda era melhor.

Mas os pés doloridos e com bolhas não foram os únicos dificultadores dos atletas na Ultramaratona.

O Capitão-Tenente (S) Thiago Jambo, fisioterapeuta, era o responsável pela área de atendimento aos atletas, onde eles podiam encontrar piscinas com gelo – para realizar a criomersão – e macas para massagem.

Faltando meio hora para o fim da prova, Thiago conta que a equipe já tinha realizado mais de 500 atendimentos. E que a grande maioria, quando vem pedir ajuda, é para voltar às pistas.



Piscina com gelo: tratamento para atletas
(Foto: Luisa Prochnik / Globoesporte.com)

A infraestrutura da prova era elogiada por todos os participantes e familiares. A sensação de dever cumprido era percebida com beijos e abraços na hora da chegada. E, entre um afago e outro, ouvia-se dos participantes a vontade de estar lá no ano que vem novamente.

Madrugada fria? Sol forte? Às 09hs de domingo, após o tiro do canhão, isso parecia ser apenas um detalhe para os guerreiros das 24 horas.

Fonte site: Globoesporte.com